

# Um esquema permanente de segurança

O candidato do PRN à Presidência da República, Fernando Collor de Mello, se diz avesso aos esquemas de segurança pessoal e não teme atentados, mas só aparece em público sob o cerco de um coronel da ativa, um capitão e um tenente, licenciados da Polícia Militar alagoana. Um grupo sempre pronto a protegê-lo dos "chatos", especialmente os que insistem em tirar fotografias ao lado do candidato.

"Esses caras são perigosos porque podem, mais tarde, usar as fotos para denegrir a imagem do Collor", explica o assessor de imprensa do candidato, Cláudio Humberto, ao explicar a presença do grupo de segurança. Recentemente, Collor ficou irritado por ter sido fotografado ao lado de "Sivuca", um delegado de polícia do Rio de Janeiro, ligado ao "esquadrão da morte". "Se dependesse do Collor, ele não teria nenhuma segurança, mas numa campanha como está não há escolha", explica o assessor, certo de que "se alguém realmente quiser matar qualquer candidato não há segurança do mundo que seja

infalível".

Afastar os "chatos" é a principal função do capitão Alves e do tenente Dário César, que já serviram Collor como ajudantes de ordem. Na chefia do grupo está o coronel Otávio de Albuquerque que há três semanas desembarcou em Brasília para acompanhar o candidato. Além de impedir a presença de "intrusos" nas atividades de campanha, os três auxiliares de Collor cuidam das tarefas imediatas do candidato, como aluguel de carros, reserva de hotéis e compra de passagens. Estas atividades complementares os coloca como trabalhadores da "área de transporte e apoio" da campanha.

O coronel Otávio Albuquerque não gosta de aparecer nem de falar com a imprensa. É cauteloso no seu trabalho. Foi ele quem descobriu o sistema de escuta telefônica no comitê de campanha, em Brasília, providenciando a instalação do detector de "grampos", que dispara um barulho sempre que as conversas estiverem na mira de algum "espião".